Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes
Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues

2026

ÍNDICE

12.09.2026 – Inauguração de Monumento aos Combatentes São Miguel d'Acha, Idanha-a-Nova

29.05.2026 – Dia das Operações de Paz e Humanitárias (Lisboa)

09.04.2026 – Dia do Combatente (Batalha)

Inauguração de Monumento aos Combatentes
São Miguel d'Acha, Idanha-a-Nova

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES
12 de setembro de 2026

Exma. Senhora Presidente da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Dra. Elza Gonçalves
Exma. Senhora Presidente da Junta de Freguesia de S. Miguel d' Acha, Dra. Ana Cristina Geraldes
Exmo. Senhor Presidente do Núcleo de Castelo Branco da LC, Coronel Luz Costa
Caros Combatentes e Exmas. Famílias

Meus senhores e minhas senhoras

Este Concelho de Idanha a Nova, freguesia de S. Miguel d'Acha, cuja história militar está profundamente ligada à sua condição de concelho raiano e transfronteiriço, cuja fundação e fortificação (através de locais como Monsanto e Penha Garcia), serviram durante séculos para a defesa da independência de Portugal, continuou no século XX, esta vocação defensiva, traduzida no sacrifício dos seus homens com a sua participação nos vários conflitos internacionais e ultramarinos.

Não estamos aqui hoje para evocar a guerra. Pelo contrário, estamos aqui hoje para evocar a Paz e prestar homenagem aos cidadãos, então militares, que um dia saídos de suas casas, partiram para o cumprimento de uma missão de guerra ou de paz, em que estaria em risco, a sua própria vida, na defesa dos interesses superiores do país.

Aqui estou. Como antigo Combatente, como alguns de vós, e Presidente da Liga dos Combatentes, Instituição Centenária e inter-geracional.

É com satisfação que me constituo em parte integrante do marcante regozijo coletivo que neste momento colheu especial oportunidade para publicamente ver homenageados cidadãos únicos, que um dia juraram defender Portugal e que o fizeram de armas na mão, para um longo período de tempo, alguns com o sacrifício da própria vida.

Hoje estamos cumprindo um dever de memória ou melhor, um dever de conservação da memória ao transformarmos em monumento material, visível e duradouro, um sentimento profundo de gratidão e reconhecimento dos habitantes de S. Miguel d'Acha e de Idanha-a-Nova, para com os seus cidadãos Combatentes.

De forma particularmente grata, a Liga dos Combatentes manifesta publicamente, as entidades presentes, Combatentes e famílias, o seu reconhecimento pelo apoio concedido para que esta realidade monumental fosse possível à qual se junta a cerca de 600 monumentos que se encontram erguidos em todo o país e no estrangeiro, numa demonstração inequívoca de respeito

e sentido pátrio, par quem, servindo as Forças Armadas, na defesa do então considerado território nacional, o fez cumprindo um dever e deve sentir-se honrado par isso.

Portugal profundo assim o tem entendido. Estas ações nascem de baixo para cima e não por qualquer determinação política superior. Hoje mais uma vez estamos no Portugal profundo. Precisamente onde Portugal acontece.

Com afeto, com reconhecimento e com respeito devidos ao homem e ao cidadão Combatente, deste histórico concelho, bem como as suas famílias, revive- se hoje mais um pouco da História de todos nós, sobretudo daqueles que para a escreverem, deram de si o melhor, ou a própria vida, calcando o chão bem forte e obreiros da própria sorte.

Em S. Miguel d'Acha, nome que me habituei a ouvir desde a minha juventude, por ser terra natal de colegas do liceu da Castelo Branco, ao homenagearmos hoje os Combatentes desta terra que se bateram na Guerra do Ultramar, jamais podemos esquecer aqueles Combatentes por Portugal que por obras valorosas da morte se foram libertando.

A Liga dos Combatentes, que nasceu há mais de cem anos e viveu e ultrapassou todos os maus e bons momentos, por que passou a sociedade portuguesa, desde a Grande Guerra, a II Guerra Mundial, a Guerra do Ultramar e hoje as missões de paz e humanitárias e de vigilância a Leste, reúne-se hoje aqui, com as entidades, as gentes e Combatentes, precisamente para evocar o cidadão Combatente de S. Miguel d'Acha por Portugal, quando voltam a ocorrer na Europa insegurança, dúvida, instabilidade e guerra.

Não deixa de haver visões redutoras, escritas au verbalmente expressas, sobre acontecimentos como o que hoje aqui vivemos. Contudo, é nosso entendimento que cada vez mais, é necessário acentuar a importância que este tipo de cerimónias tem, na afirmação de um povo e da sua cultura. Estão aqui presentes, espiritual ou fisicamente, todos as Combatentes de Portugal, Concelho da Idanha-a-Nova e de S. Miguel d'Acha, vivos e mortos, que generosamente empenharam a sua vida por um mundo livre e mais justo.

E não esquecemos os que noutras pelejas e lugares lutaram e lutam ao serviço da Pátria e os que ainda hoje, nas operações de Paz e Humanitárias, cumprem Portugal. E nós com experiência de tempos de guerra vivida, voltamos a sentir que os ventos da História recomendam ações imediatas, no âmbito da Defesa Nacional, e de Portugal, que garantam a possibilidade de uma resposta condigna aos riscos, desafios e ameaças que surgem no espaço europeu e onde os seus dirigentes repousaram demais no conceito de paz eterna.

Portugal não é uma ilha e está, estrategicamente, cada vez menos afastado dos meios que provocam a ameaça e insegurança que percorre a Europa. A situação a que chegaram as Forças Armadas exigiu decisões políticas urgentes, e que evitarão certamente a necessidade de "novos milagres" como sucedeu na sua participação na Grande Guerra.

Temos a obrigação moral, de não voltar a dar missões impossíveis de cumprir aos nossos Combatentes, ou que ao serem tentadas ser cumpridas, exigiriam sacrifícios humanos dramáticos, por falta de meios humanos e materiais disponíveis.

Hoje, em S. Miguel d'Acha volta a ser reforçado um tempo que para sempre marcou jovens, saídos de suas terras para atravessarem os mares e viverem e morrerem noutro continente, alguns

regressarem com traços indeléveis na sua saúde e outros, mais fortes e mais homens, ao ultrapassarem incólumes os infernos da guerra.

Sabemos bem que a Grande Guerra, foi um fenómeno mundial dramático que mudou o mundo e onde Portugal esteve envolvido na defesa da Liberdade e da conquista da Paz.
Seguiu-se a Segunda Guerra Mundial que determinou o envio de forças militares expedicionárias, pelos cantos do então mundo português.

A Guerra do Ultramar, constituiu uma epopeia recente e que marcou gerações de portugueses que cumpriram ordens e denodadamente lutaram, não obstante os avisados ventos de mudança que varriam os impérios, foi com homens, meninos e moços de sua mãe, que com dignidade, sacrifício, coragem e com valentia que se lutou par Portugal.

Hoje, a guerra voltou a Europa e embora esteja localizada, exigiu já medidas militares por parte dos países europeus, tendo Portugal, entre outras ações, enviado forças para o Leste da Europa.
Hoje, duzentos anos depois, das guerras peninsulares, Portugal e considerado como país hostil por outro país europeu e viu já a sua embaixada, nesse país, ser atingida pelo conflito.

A recordação e análise destes factos históricos e recentes tornam imperativo evocar e enaltecer a gesta generosamente escrita, ao longo dos tempos, por esses bravos soldados filhos de S. Miguel d'Acha.

Para nós, o ontem não se esquece e não se apaga. Revive-se. Na nossa juventude, cada vez mais distante, Portugal foi-nos chamar onde cada um de nós estava. Pediu-nos que interrompêssemos os nossos sonhos, largássemos as nossas famílias e os nossos amigos, adiássemos casamentos, abandonássemos o mundo em que tínhamos nascido e crescido.

Portugal pediu-nos tudo o que lhe podíamos dar. E nos que lhe respondemos com o nosso sim, demos tudo com generosidade, em conformidade com o juramento um dia feito.

Partimos jovens. Formos e aprendemos a combater. Os que dela regressaram, regressaram precocemente envelhecidos pelas experiências vividas e nenhum regressou igual, nem física nem psicologicamente, mas ainda hoje permanecemos Combatentes, orgulhosamente Combatentes por Portugal.

Por isso defendemos a paz.

Não podemos deixar de referir, de acordo com o sentimento generalizado dos Combatentes, que os governos da Nação esqueceram durante muitos anos quase totalmente os seus Combatentes e assim se têm comportado, se tomarmos por referência 1914 e a Grande Guerra, vivida em África e em França, e a Guerra do Ultramar.

Embora o recente Estatuto do Combatente, tenha obtido acolhimento do governo, 46 anos depois do fim da guerra fê-lo de forma tímida, com promessa de constituir um primeiro passo legislativo. E notório o diminuto apoio social e a saúde que dispensou aos seus filhos, tantos anos após o regresso de além-mar onde desdenhámos o conforto, sentimos na alma e no corpo a guerra e convivemos com a confusão que ela gera.

O Estatuto quedou-se distante do proposto pela Liga dos Combatentes ao governo.

A Liga dos Combatentes fez propostas públicas ao governo e Assembleia da República, de revisão do Estatuto em 2021, 2022, e em 2023. Voltou a fazê-lo em 2024, 2025 e 2026 ao atual governo, no âmbito da saúde e do apoio social.

Registamos com satisfação, a decisão do senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. Nuno Melo, e do Governo, em garantir o apoio à saúde, decidindo a gratuitidade dos medicamentos para os Combatentes pensionistas a 100% e a 90% aos Combatentes utilizadores de medicamentos psicofármacos.

A Liga dos Combatentes também conseguiu a admissão dos membros da Liga dos Combatentes no Hospital das Forças Armadas, com o apoio do Diretor do HFAR, do GCEMGFA e do senhor ministro. Luta de longos anos.

Finalmente decisões importantes no âmbito da saúde, que os Combatentes registam com regozijo.

Igualmente acaba a Assembleia da República e o governo de responderem positivamente à proposta da Liga dos Combatentes para alteração da portaria dos transportes. Após o orçamento de 2026 e de regulamentação própria, os transportes serão grátis em todo o território nacional.

Para finalizar importa com urgência juntar a revisão da lei 3/2009 e nela o coeficiente especial de pensão, suplemento especial de pensão e acréscimo vitalício de pensão que a mesma lei estabeleceu, reduzindo o definido na lei 9/2002.

Revisão feita pelo orçamento de 2025 pela a Assembleia da República de forma que não satisfaz e importa com urgência atender às propostas da Liga dos Combatentes.

Muito sinteticamente, um vencimento mínimo por mês, para o coeficiente especial de pensão e um vencimento mínimo por ano para os restantes.

Termino, agradecendo mais uma vez, a todos os que por qualquer forma permitiram termos hoje esta realização e esta significativa cerimónia.

Neles incluídos, como não podia deixar de ser, a Comissão organizadora do monumento, a Junta de Freguesia de S. Miguel d'Acha e a Senhora Presidente da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, bem como o apoio dado pelo Núcleo de Castelo Branco da Liga dos Combatentes.

Vivam as gentes e os Combatentes de S. Miguel d'Acha!
Vivam os Combatentes de Idanha-a-Nova!
Viva a Liga dos Combatentes!
Viva Portugal!

Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

Dia das Operações de Paz e Humanitárias

Forte do Bom Sucesso, Lisboa, Belém
TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES
29 de maio de 2026

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. Nuno Melo
Excelência

Permita-me que agradeça sensibilizado a V.ª Ex.ª ter-se dignado presidir a esta simbólica e já histórica cerimónia de evocação e homenagem às Missões de Paz e Humanitárias e a todos os militares e agentes que nelas participaram ou participam, na manutenção ou implementação da paz.

Exmo. Senhor General Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Cartaxo Alves

Permita-me o nosso mais profundo reconhecimento por se ter dignado estar presente nesta importante e merecida cerimónia de apoio e de homenagem aos Combatentes das Operações de Paz e Humanitárias. A sua presença é um estímulo não só para nós, Liga dos Combatentes, mas para todos os Combatentes das Missões de Paz, quando os evocamos e os evidenciamos no seu dia comemorativo.

Exmo. Senhor General Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, General Sérgio Costa Pereira
Exmo. Senhor Chefe da Casa Militar de Sua Ex.ª o Presidente da República, Tenente-general Maia Pereira
Exmo. Senhor Diretor Nacional da PSP Superintendente-chefe Luís Carrilho
Exmo. Senhor General Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-general Boga Ribeiro, em representação do General CEME
Exmo. Senhor Vice-almirante Salgado Figueiredo, em representação do Almirante CEMA
Exmo. Senhor Major-general Seabra Ferreira, em representação do General Comandante da GNR
Exmos. Senhores Almirante Silva Ribeiro e Generais do Exército, da Força Aérea e Almirantes, em altas funções do EMGFA, dos três Ramos das Forças Armadas, nas Forças de Segurança e outros organismos do Estado;
Exmos. Senhores Secretário-geral e Diretores-gerais do MDN, Fernando Serafino, Rui Tendeiro, Morais Batista, José Isabel e Rita Baltazar
Exmo. Presidente da Comissão Portuguesa de História Militar, Major-general Vieira Borges

Exmos. Senhores Presidentes da Assembleia-Geral da Liga dos Combatentes, General Pina Monteiro, do Conselho Supremo, Professor Doutor Aires de Sousa, e do Conselho Fiscal, Dr. Alcides Martins, e Membros do Conselho Supremo e da Direção Central da Liga dos Combatentes.
Exmo. Senhor Vice-almirante Machado Fonseca, Presidente da Comissão Executiva do 10 de Junho
Exmos. Senhores Comandantes do Instituto e da Associação dos Pupilos do Exército, hoje homenageados
Exmos. Senhores Adidos de Defesa do Brasil, de Moçambique e da Roménia
Exmo. Senhor Presidente da Associação Portuguesa dos Capacetes Azuis
Exmos. Senhores Presidentes da AOFA, da Associação Salgueiro Maia e da Organização Internacional dos Direitos Humanos
Exmos. Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes e das Associações de Combatentes nacionais e estrangeiras presentes
Exmo. Senhor Diretor do Museu do Tesouro Real, Dr. Nuno Vale
Exmo. Senhor Comandante dos Bombeiros Voluntários de Lisboa

Caros Combatentes e Porta-Guiões
Ilustres Convidados
Minhas Senhoras e meus senhores

Honrar o Passado e Construir a Paz é missão de Portugal e das suas Forças Armadas e Forças de Segurança e das suas consequentes Missões Internacionais de apoio à Paz.

Neste lugar de memória, onde o Rio Tejo e nós próprios nos encontramos com a História, prestamos tributo àqueles que, sob a bandeira de Portugal, serviram e servem a causa da paz, em geografias diferentes e distantes.

Os Monumentos aos Combatentes do Ultramar e aos Combatentes das Missões de Paz, as lápides com os nomes dos heróis caídos e o túmulo ao soldado desconhecido do Ultramar, erguidos neste Altar da Pátria, não são apenas memoriais ao seu sacrifício. São símbolos do compromisso inabalável dos seus camaradas, das Forças Armadas e Forças de Segurança e esperamos, de toda a Nação, com a segurança coletiva e a dignidade humana.

Reunimo-nos hoje, a 29 de maio, no Dia Internacional das Missões de Paz e Humanitárias, nomeadamente para a ONU, Dia dos Capacetes Azuis, para homenagearmos aqueles que, sob a bandeira das Nações Unidas, da NATO, da União Europeia, e sempre do escudo nacional, escolheram o caminho do serviço da Paz, em prol da humanidade.

Serviço da Paz, em prol da humanidade, sublinho, como um Legado Global de organizações internacionais como a ONU, a NATO e a União Europeia.

De facto, desde meados do século XX, a arquitetura da paz mundial tem assentado no esforço conjunto dessas organizações e de países que as integram.

A história das missões de paz teve início com o nascimento de uma Esperança: a ONU e os Capacetes Azuis.

Começou em 1948, quando o Conselho de Segurança autorizou o destacamento de observadores militares para o Médio Oriente. Ali nascia uma ideia revolucionária: o uso da força militar, não para fazer a guerra, mas para garantir a paz.

Desde então, mais de um milhão de homens e mulheres serviram como "Capacetes Azuis". O que começou como uma simples observação de cessar-fogo evoluiu para operações multidimensionais complexas: proteção de civis, desarmamento, apoio a eleições e reconstrução de Estados falhados.

A História destas missões é feita de luzes e sombras. Reconhecemos os seus êxitos, onde a intervenção travou genocídios e reconstruiu nações, mas não ignoramos os fracassos e as limitações impostas pela geopolítica. Contudo, a sua verdadeira importância reside na capacidade de substituir o monólogo das armas pelo diálogo das nações, provando que a paz não é só a ausência de conflito, mas a presença de justiça e mediação.

Êxitos e desafios alcançados procuraram o equilíbrio da História.

Ao longo de sete décadas, o sucesso das Nações Unidas foi visível em locais como a Namíbia, El Salvador e Timor-Leste, este último, um exemplo memorável de transição para a independência e democracia.

Todavia, a história da paz da ONU também conhece cicatrizes. As tragédias do Ruanda, há precisamente 32 anos, 7 de abril de 1994, onde em cem dias foram mortas cerca de um milhão de pessoas entre Tutsis e Hutus moderados, mereceram uma mensagem recente do Secretário-geral da ONU prestando tributo às vítimas e dizendo ao mundo que tem que aprender com os erros do passado, rejeitando o ódio, a retórica inflamatória e a incitação à violência, tendo marcado esse dia como o Dia Internacional de Reflexão sobre o Genocídio de 1994.

Mas a ONU assume também a culpa pelo massacre de cerca de 8000 pessoas no enclave muçulmano bósnio de Srebrenica, um ano depois, 1995, área considerada segura pela ONU. Tais cicatrizes expuseram as limitações do sistema internacional perante o ódio étnico e a falta de mandatos robustos.

Estes fracassos não foram em vão; eles forjaram a doutrina moderna da "Responsabilidade de Proteger", tornando as missões atuais mais ágeis e mais bem preparadas.

Portugal não tem sido apenas um observador nesta história.

Portugal é um protagonista de excelência. Portugal, com os seus três Ramos das Forças Armadas e Forças de Segurança, tem tido uma só missão externa: o apoio à manutenção

ou implementação da paz. Portugal e as suas Forças são hoje uma nação de construtores de paz.

As nossas Forças Armadas — Exército, Marinha, Força Aérea — e as Forças de Segurança são hoje reconhecidas internacionalmente pela sua "forma de estar": uma mistura rara de rigor técnico, disciplina e uma empatia humana profunda.

As Forças Armadas Portuguesas e as Forças de Segurança têm sido um rosto visível desta solidariedade internacional.

Através das suas Forças, Portugal projetou estabilidade em cenários complexos.

O Exército, nas florestas e savanas de África, na pacificação e no apoio humanitário. Presente nos terrenos mais inóspitos, dos Balcãs ao Afeganistão e a Angola, e hoje na Roménia, com um papel crucial na República Centro-Africana, onde os nossos paraquedistas e comandos são frequentemente a última linha de defesa das populações civis.

A Marinha, atuando na segurança marítima, no combate à pirataria no Golfo da Guiné e em missões de vigilância no Índico e no Mediterrâneo, protegendo as fronteiras da dignidade humana e combatendo o tráfico e a pirataria.

A Força Aérea, nos céus da Europa de Leste e dos Balcãs, garantindo a integridade dos espaços soberanos. Essencial no transporte logístico, evacuações médicas e vigilância aérea, garantindo que a ajuda humanitária, chega onde o acesso terrestre é impossível.

As Forças de Segurança nos mais variados teatros de acordo com as suas missões específicas.

Este desempenho excecional granjeou às nossas forças um prestígio ímpar. As nossas tropas são reconhecidas, tanto por entidades militares como por populações civis, pela sua competência técnica, mas sobretudo pela sua humanidade, empatia e capacidade de estabelecer pontes onde outros veem apenas muros.

O Custo da Paz também conduz ao Sacrifício Supremo.

Não podemos falar de missões de paz sem honrar o seu custo. A paz tem um preço, muitas vezes pago com a própria vida. Recordamos hoje, com saudade e gratidão, os militares e agentes portugueses que não regressaram.

Desde as baixas nos anos 90 na Bósnia até aos incidentes mais recentes em teatros de operações africanos, cada vida perdida é um lembrete de que a estabilidade global não é gratuita. Estes homens e mulheres são o rosto da nossa solidariedade nacional.

Têm o seu nome neste Altar Pátria, em lápide imediatamente à retaguarda do Monumento que neste lugar, os homenageia particularmente.

Hoje, tentamos respirar o Valor da Paz, num Mundo em Chamas, de condicionamentos geopolíticos diversos e anómalos, incertezas nos dias de amanhã e já certezas da guerra e da fome em muitos cantos do globo.

Vivemos hoje um tempo de instabilidade profunda. A desregulação internacional, o regresso da guerra de alta intensidade à Europa e os conflitos crónicos em África e no Médio Oriente, motivados por políticas imperialistas, colocaram o anterior sistema internacional à prova. E este, vacilando, parece ainda não ter respostas anti-imperialistas, adequadas às diversas situações criadas.

Neste cenário, as missões de paz são mais do que uma ferramenta diplomática; são um imperativo moral. Elas provam que, mesmo quando as armas falam, o diálogo e a proteção dos mais vulneráveis devem ser a última palavra.

Portugal, através das suas Forças Armadas e Forças de Segurança reafirma que não é uma ilha, mas parte integrante de uma comunidade que recusa aceitar a desregulação, o livre arbítrio e a barbárie como destino.

O Desafio do Presente é Um Apelo à Conciliação. Vivemos hoje um tempo de profunda tentativa hegemónica dos mundos. O abandono de valores e regras internacionais bem como a guerra, regressaram com repercussões nefastas que nem reconhecem fronteiras.

Num mundo marcado por tensões diplomáticas crescentes e pelo risco de conflito verbal e real permanentes, urge reafirmar a importância das missões de paz.

Estes homens e mulheres que hoje homenageamos são os guardiões de um ideal: a crença de que a ordem internacional deve basear-se no Direito, no respeito pela Soberania dos Povos e na Conciliação.

Que estes memoriais na nossa frente e espalhados por todo o país e outros pelo mundo com idêntica finalidade, sirvam de inspiração para que o mundo escolha o caminho da diplomacia sobre a violência, e que o exemplo dos nossos combatentes nos lembre que a paz é um bem frágil que exige vigilância, coragem e, acima de tudo, uma vontade comum de coexistência pacífica.

Em tempo de guerra, olhamos para os nossos militares e agentes como embaixadores da nossa identidade: um povo que sabe o valor da paz porque conhece o valor da sua história, da história do mundo e os seus diferentes matizes.

Aos que serviram, aos que servem e aos que guardam a memória dos que partiram: o nosso maior reconhecimento.

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional e Exmo. Senhor General CEMGFA,
Minhas Senhoras e meus senhores

Segue-se uma intervenção do senhor Presidente da Associação dos Fuzileiros, Capitão-de-mar-e-guerra Carlos Moreira, no âmbito das Operações de Paz e Humanitárias. Após a sua alocução, seguir-se-ão algumas condecorações de elevado significado para o Presidente da Liga do Combatentes. De facto, por nossa proposta, o senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. Nuno Melo, decidiu condecorar com a Medalha da Defesa Nacional, os Dirigentes da Liga dos Combatentes que ao longo de anos têm e vêm garantindo, de forma voluntária, altamente eficiente e dedicada, o atingir dos objetivos superiores da Liga dos Combatentes, nos Programas Estratégicos e Estruturantes, Conservação das Memórias, Cuidados de Saúde e Apoio Social, e Liga Solidária.

É para o Presidente da Liga dos Combatentes uma honra e um grande regozijo ver o trabalho destes dirigentes, reconhecido a alto nível. Mas gostaria de salientar mais algumas medidas concretas e recentes do senhor Ministro da Defesa Nacional de apoio aos Antigos Combatentes e à Liga dos Combatentes:

- Concretização em janeiro deste ano a gratuitidade a 100% dos medicamentos para os Antigos Combatentes pensionistas;
- Gratuitidade dos transportes públicos para os Antigos Combatentes extensível a todo o território nacional, aprovado recentemente na Assembleia da República;
- Apoio financeiro à Liga dos Combatentes para que fosse possível, neste espaço, a recuperação das lápides e voltar a iluminar este monumento aos Combatentes do Ultramar que há cerca de dez anos se encontrava às escuras, por falta de meios para a sua recuperação;
- A continuação do apoio à Operação Embondeiro para a dignificação de áreas cemiteriais e recuperação de restos mortais abandonados nas matas e capim no interior de Angola, da qual se encontra em execução a 2.ª Fase.

Continuamos a ter fundadas esperanças na revisão positiva dos complementos e suplementos especiais de pensão e isenção de IRS sobre os mesmos.

Minhas senhoras e meus senhores

No final desta cerimónia, após o desfile das Forças em Parada e a cerimónia de honra aos mortos, será inaugurada no Museu do Combatentes, uma exposição no âmbito do Programa Estratégico e Estruturante da LC «Passagem do Testemunho», em homenagem aos Instituto dos Pupilos do Exército e para a qual esperamos ter a honra da vossa companhia. Termino apelando:

Pela Paz para Portugal e para a Humanidade.
Viva Portugal!

Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

Dia do Combatente

Mosteiro de Santa Maria da Vitória, Batalha
TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES
9 de abril de 2026

Exmo. Senhor Presidente da República, Comandante Supremo das Forças Armadas e Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes.

Excelência
Em nome dos Combatentes e em meu nome pessoal, agradeço sensibilizado a presença de V. Ex.ª neste Altar da Pátria, no Dia do Combatente e da Batalha de La Lys, dia tão significativo para nós Combatentes, para as Forças Armadas e para Portugal e que, neste lugar, evocamos há mais de um século.

Apresentamos a V. Ex.ª votos das maiores felicidades no desempenho da sua exigente magistratura do país. Conte com a lealdade e o total apoio da Liga dos Combatentes.

Senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. Nuno Melo.
Excelência

Cumpre-me agradecer a presença de V. Ex.ª nesta tradicional cerimónia no dia da Batalha de La Lys, organizada pela Liga dos Combatentes com o apoio das Forças Armadas, e desde 2020, reconhecida pela Assembleia da República, estatutariamente, como Dia do Combatente.

Agradecemos a atenção permanente manifestada por V. Ex.ª à causa dos Antigos Combatentes, nomeadamente à Liga dos Combatentes e à Associação dos Deficientes das Força Armadas.

Igualmente testemunhar a V. Ex.ª o apreço e regozijo da generalidade dos Combatentes pelas medidas já tomadas por V. Ex.ª de apoio aos Antigos Combatentes, no âmbito da saúde, garantindo a gratuitidade dos medicamentos aos Combatentes pensionistas, a 100%, desde janeiro do corrente ano. Para além de outras medidas. Igualmente registamos com preocupação e desagrado, a recente decisão da Assembleia da República no que se refere à revisão minimalista dos complemento e suplemento especial de pensão dos Antigos Combatentes, solicitando a V. Ex.ª a resolução, de uma forma digna, da revisão deste direito que se arrasta desde 2009.

Exmo. senhor Presidente da Câmara Municipal da Batalha, Dr. André de Sousa, as nossas felicitações, congratulando-nos com a sua presença nesta cerimónia, pela primeira vez, nas suas atuais funções.

Exmo. Senhor Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Cartaxo Alves. É com a mais elevada consideração e estima pessoal que lhe endereçamos, como Presidente da Liga dos Combatentes e em termos pessoais, sinceras felicitações por ter assumido recentemente as funções de CEMGFA e ser a primeira vez que está connosco, no Dia do Combatente, em tais funções. Votos das maiores felicidades, pois elas serão também felicidades das Forças Armadas.

Exmos. Senhores General Pina Monteiro e Almirante Silva Ribeiro, antigos Chefes de Estado-Maior-General das Forças Armadas,
Exmo. Senhor Secretário de Estado Adjunto da Defesa Nacional, Dr. Castelo Branco,
Exmo. Senhor General CEME, General Mendes Ferrão,
Exmo. Senhor Almirante CEMA, Almirante Jorge Nobre de Sousa,
Exmo. Senhor Chefe da Casa Militar de Sua Ex.ª o Presidente da República, Tenente-general Maia Pereira,
Exmo. Senhor General Sérgio Pereira, representante do General CEMFA,
Exmo. Senhor Diretor Nacional da PSP, Superintendente-chefe Luís Carrilho,
Exmo. Senhor General 2.º Comandante da GNR, em representação do General Comandante,
Exma. Senhora Embaixadora de França, Hélène Farnaud-Defromont,
Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Batalha,
Exmo. Senhor Presidente da Junta de Freguesia da Batalha,
Exmos. Senhores Diretores-gerais da Defesa Nacional, Senhores Almirantes e Generais, Comandantes e Diretores presentes,
Excelência Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e Forças de Segurança, D. Sérgio Dinis,
Exmo. Senhor Presidente do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, Professor Dr. Aires Moniz de Sousa, e membros do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes,
Exma. Senhora Diretora do Mosteiro da Batalha,
Delegações dos Maires do Alto de França e dos Combatentes das Forças Armadas Alemãs presentes,
Exmos. Adidos de Defesa de França, Alemanha, Angola, Brasil e Timor-Leste, representantes da British Legion e Souvenir Français,
Exmos. Membros da Direção Central e Conselho Fiscal da Liga dos Combatentes, Presidentes das Associações de Combatentes e dos Núcleos da Liga dos Combatentes e seus Porta-guiões,

Caros Combatentes, suas famílias,
Minhas senhoras e meus senhores,

É com profundo respeito e sentida emoção que assinalamos, mais uma vez, o Dia do Combatente, evocando a memória de La Lys - momento marcante da participação

portuguesa na Grande Guerra e símbolo maior da coragem, determinação e espírito de sacrifício do soldado português, em todas as guerras, nomeadamente, durante o conflito que viria a ser designado, historicamente, como Primeira Guerra Mundial.

Evocar La Lys e o Dia do Combatente por Portugal, num momento geopolítico em que a ameaça e a guerra em vários teatros e regiões do mundo geram insegurança, instabilidade, guerra e morte, causadas por imperialismos de grande potência a leste e de superpotência a oeste, aos nossos Combatentes de ontem e aos nossos Combatentes de hoje, ao mesmo tempo que relembra momentos difíceis vividos, igualmente em guerras passadas e missões recentes, dá-lhes saber de memória feita e consequente força moral.

Força moral precisamente para poder recomendar prudência e vigilância, com base numa memória consciente que aponta para a necessidade do país e das suas Forças Armadas continuarem a sua preparação para situações de emprego real, possível e provável, que já exigem e exigirão a disponibilidade em pessoal preparado e material adequado, às novas exigências dos conflitos modernos, face ao seu empenho na defesa dos interesses superiores do país ou das suas alianças.

Por isso, hoje, não é somente um dia de evocação tradicional da nossa História, dos nossos feitos e dos nossos heroicos soldados.

Hoje, é também dia do reconhecimento da desregulação das regras de convivência mundial, até há pouco em vigor no mundo civilizado, e a instalação, pelos mais responsáveis, do desrespeito do direito internacional, dos tratados e das organizações internacionais e acordos estabelecidos, sendo, por isso, um dia de profunda reflexão sobre o que se passa no mundo e sobre o que a situação exige ou exigirá de nós, quer no presente, quer num futuro próximo.

Não obstante o acabado de referir, a nossa dimensão de pequena potência, ou a nossa posição estratégica, hoje, de ilusório afastamento das situações de instabilidade e guerra, não nos impede, e exige mesmo, como sempre, honrarmos os nossos mortos em antigas ou recentes situações de conflito, tenham estas sido, ou não, politicamente justificáveis.

Nesta data, recordamos com gratidão todos os que, ao longo da nossa história, vestiram a farda das Forças Armadas de Portugal, no seu tempo, e responderam ao chamamento da Pátria, na defesa da nossa independência e dos nossos interesses nacionais.

Em La Lys, os nossos militares enfrentaram um inimigo superior em número e em meios, mas não em coragem, nem em honra.

Tombaram muitos, mas não cederam o seu orgulho nacional, nem o compromisso com a liberdade e com a dignidade do seu país.

A bravura demonstrada pelos Combatentes de 1918 é inseparável do carácter do português ao longo dos séculos: homens e mulheres que nunca recuaram perante o dever. La Lys não foi estrategicamente nenhum desastre.

Em 11 de novembro de 1918, três batalhões do CEP entravam na Bélgica, numa operação ofensiva, não perdemos a independência e mantivemos o Ultramar. Desfilámos em França com os vitoriosos.

O mesmo espírito se fez sentir nos expedicionários da Segunda Guerra Mundial que, num mundo de incerteza, souberam servir Portugal e a Paz, nos espaços então considerados território nacional.

A nossa neutralidade política levou ao seu esquecimento ou pouca consideração pelo cumprimento da sua missão no Portugal então colonial.

Mas a Liga dos Combatentes não os esqueceu, levando o governo a criar legalmente a categoria de sócio expedicionário e a estabelecer a designação da instituição pelo nome apenas de Liga dos Combatentes, e não a designação até aí usada, de Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

O mesmo espírito, resiliente, corajoso e humano manifestou-se igualmente nas centenas de milhares de Combatentes da Guerra do Ultramar (recordo a diretiva do General Costa Gomes como comandante chefe em Angola: a guerra deve ser conduzida o mais humanamente possível).

Em duras condições, as nossas Forças Armadas cumpriram em Angola, Moçambique e na Guiné, com rigor e humanidade, as missões que lhes foram atribuídas. E não perderam militarmente a prolongada guerra, garantindo tempo estrategicamente necessário para a resolução do conflito por outros meios. Se houve derrota, essa foi do poder político de então.

E é esse mesmo espírito que hoje anima os nossos militares que, no século XXI, participam nas missões de paz e humanitárias sob a égide da ONU, da NATO e da União Europeia, levando o nome de Portugal com o seu profissionalismo e eficácia das nossas Forças Armadas, aos mais diversos pontos do globo.

São soldados da paz, profissionais exemplares, que mostram que os portugueses, mesmo quando se armam para dissuadir a guerra, fazem-no ao serviço da Paz e da segurança nacional e internacional.

Portugal honra, assim, uma longa tradição de valor militar ao serviço da Paz nos séculos XX e XXI, não tendo os nossos Combatentes lutado nunca, ofensivamente, pela conquista ou pelo poder, mas sim pela defesa do considerado seu território e dos valores da liberdade, da soberania e do respeito pelos povos.

Portugal foi e continuará a ser obra de soldados, bem acompanhados pela diplomacia.

Sim, somos esse Portugal que nasceu e cresceu com a ponta da espada, usou com saber o diálogo, a histórica lucidez camoniana da pena, a que se adicionou o "sacrifício da terra cavada, as mãos sujas de pó e do suor que se juntou à pedra para erguer muralhas" e aos panos para equipar caravelas, que nos trouxeram até aqui. A um Portugal com História e com Futuro.

Exmo. Senhor Presidente da República,
Minhas senhoras e meus senhores,

Hoje, temos connosco delegações de França, maires e cônsules do Alto da França, e de Antigos Combatentes da Alemanha, que felicitamos amistosamente, cidadãos e Combatentes de duas nações com quem outrora estivemos em lados opostos do campo de batalha, mas que são hoje parceiros próximos e amigos, unidos por alianças sólidas e por uma visão comum de um mundo mais seguro e mais justo, que respeitam o direito internacional, os tratados e as alianças, face à sua maturidade histórica.

É também com emoção que assinalamos a amizade duradoura com Angola, Moçambique, Guiné e Timor-Leste, países com os quais, nós Combatentes, partilhamos laços históricos, afetivos e culturais, e com quem hoje cooperamos numa base de respeito e solidariedade.

A Liga dos Combatentes agradece todo o apoio concedido pelos três países africanos e Timor-Leste para a realização das operações de dignificação dos espaços cemiteriais e exumação dos restos mortais de militares portugueses ali caídos, podendo continuar a cumprir assim o nosso Programa Estratégico e Estruturante «Conservação das Memórias».

Saudamos, igualmente, a presença da British Legion e o nosso mais antigo tratado de manutenção da Paz que, para isso, nos levou já, ao longo da História, a ter que fazer a guerra.

É com esse espírito que, ao evocarmos o passado e celebrarmos o Dia do Combatente, não podemos ignorar o momento que vivemos, em termos nacionais e no mundo.

Em termos nacionais enfrentando duas situações que exigem aos portugueses esforços acrescidos. Uma no âmbito da segurança interna, na resolução da situação catastrófica recente, resultante das condições climáticas adversas que assolaram o país e que tiveram dramáticas consequências, inclusive neste Mosteiro, ainda hoje visíveis.

Outra, como já referido, no âmbito da segurança externa, a exigir o reforço das Forças Armadas em pessoal e material, para defesa de Portugal e garantia do cumprimento de compromissos resultantes das suas alianças.

O mundo atravessa tempos de instabilidade e insegurança, dos quais resultam riscos, perigos e ameaças, e a Europa vê-se hoje confrontada com desafios que tornam urgente

o fortalecimento de uma organização e união militar defensiva, para que possa constituir, como venho referindo, uma verdadeira Grande Potência de Dissuasão da Guerra, para evitar guerras entre poderes instituídos, e com força para respeitar e induzir o respeito de alianças para salvaguardar a paz que tanto prezamos.

Talvez para isso, a União Europeia tenha que passar a ser União do Estados Europeus e o Conselho Europeu, Conselho dos Estados Europeus, e o Parlamento Europeu, Parlamento dos Estados Europeus, com as adaptações correspondentes.

É, pois, tempo de continuar a reafirmar o valor supremo da paz, tendo poder para a garantir, mas também de reconhecer o papel essencial das Forças Armadas na garantia dessa paz, pela simples existência dissuasora ou pela ação quando necessário com bravura, profissionalismo e sentido de missão, que constituem garantia da nossa liberdade, da nossa segurança e da continuidade dos valores que desde sempre definem Portugal.

A todos os Combatentes de ontem e de hoje, a nossa mais profunda homenagem e a nossa mais profunda esperança na preservação da paz.

A todos os que serviram e servem Portugal, o nosso eterno respeito e gratidão.

Viva o Combatente por Portugal!
Vivam as Forças Armadas!
Viva Portugal!

Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general